

SOPA DE LETRAS – UMA IMPOSSÍVEL RECEITA PARA FORMAR
INTÉRPRETES DE CONFERÊNCIA?

Maria Helena Anacleto-Matias

Exercício: Encontre nesta sopa de letras dez palavras-chave de uma boa formação de intérpretes. As soluções encontram-se no fim deste artigo.

T	R	A	D	U	Ç	Ã	O	U	M	M	H	O
Z	M	P	A	R	B	L	E	A	E	U	O	L
P	U	I	O	Y	C	S	O	I	L	L	R	A
T	U	M	O	Z	T	W	P	C	O	T	T	T
V	U	N	S	Í	I	E	B	N	S	I	A	É
H	Q	U	M	N	D	Q	E	Ê	O	D	H	C
I	R	U	K	T	Y	U	I	L	F	I	P	N
K	L	M	B	É	L	E	C	E	A	S	I	I
O	L	M	Z	R	Q	A	L	C	T	C	N	C
U	T	R	Y	P	Z	I	S	X	I	I	A	A
X	W	M	Q	R	Z	V	O	E	L	P	Y	T
O	R	T	A	E	T	O	S	A	A	L	A	A
O	P	V	S	T	X	I	S	T	E	I	P	C
T	E	C	W	E	K	N	O	W	S	N	A	T
A	S	U	S	S	U	R	R	A	D	A	P	O

Eis uma receita para treinar futuros intérpretes de conferências: “pegue em bacharéis, licenciados, ou mestres, de preferência em Estudos da Tradução e prepare-os de modo a que se transformem em peritos multidisciplinares. Corte vigorosamente para eliminar as suas inseguranças e tempere-os para cultivar o seu espírito, de modo a que tenham uma paixão por teatro para se tornarem bons intérpretes. Dê-lhes as melhores condições possíveis. Seja hiper-exigente consigo e com os seus futuros intérpretes e estagiários. Deixe-os repousar para crescer. Adicione uma pitada do humor às suas aulas e aqueça os estudantes

com estímulos positivos. Envie-os para o mercado do trabalho e deseje que se tornem profissionais competentes, bem como pessoas felizes. Espera-se que o seu trabalho seja igualmente saboroso para si.”

Este poderia ser o resumo de uma (talvez) boa receita para treinar futuros intérpretes de conferências. De facto, desde 1995 que o Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (a partir de agora figurando como “ISCAP”) tem vindo a treinar futuros tradutores e intérpretes. Nessa altura começámos com o já extinto CESE (cursos em estudos especializados) a treinar profissionais na área de tradução e de interpretação de conferências. Estava-se no ano académico de 1998/1999 quando começou a ser possível aos nossos estudantes tornarem-se tradutores e intérpretes com o grau de Licenciado nas chamadas Licenciaturas Bi-etápicas.

Após uma proposta de passatempo com a resolução de uma chamada “sopa de letras”, este artigo foca a necessidade metodológica especial no que toca à andragogia na formação de futuros intérpretes de conferência. É fundamental um culto pela excelência com intenções de alcance dos objectivos, socorrendo-se de todos os meios que se julgam essenciais: treino intensivo, alta exigência de qualidade, bons recursos humanos e condições técnicas, humor, estímulo, motivação.

Através de uma comparação metafórica inicial com uma hipotética e (im)possível (?) receita para formar intérpretes, propõem-se exemplos ilustrativos de experiências andragógicas já testadas com algum sucesso. O tom optimista deste artigo reflecte a intencionalidade de estimular todas/os as/os potenciais leitoras/es para a formação, a aprendizagem e sobretudo para a prática da interpretação simultânea, consecutiva, de acompanhamento, de tribunal e comunitária.

Para entrar no programa da tradução e da interpretação, os nossos estudantes tinham de estar aprovados em quatro semestres de língua portuguesa, seis semestres de língua inglesa e de língua alemã ou francesa. Também tinham um treino semi-generalista: assuntos tais como o direito, a cultura e a civilização de três países, a matemática, a economia, as tarefas secretariais e empresariais, a contabilidade, as relações humanas e a informática eram abordados no decorrer do seu Bacharelato. Mais tarde, ao fazerem o programa de Licenciatura, tinham um treino mais especializado com teoria e metodologia da tradução, linguística e estilística comparada em três línguas,

traduções especializadas de textos científicos e técnicos, de textos económicos, de textos literários e de textos jurídicos. Estudavam também a literatura contemporânea inglesa e alemã ou francesa, política e relações internacionais, direito internacional e público e uma terceira língua estrangeira que é o francês ou o alemão. Seguidamente, nos terceiro e quarto semestres do curso da Licenciatura, o estudo e o treino concentrava-se nas organizações internacionais, um seminário e, sobretudo, na interpretação de conferência, que é exactamente o assunto que abordo presentemente.

Durante o ano académico de 2002/2003 encetou-se uma reforma curricular no Bacharelato e na Licenciatura. De facto, muitas das matérias que são estudadas agora são baseadas em tecnologias novas, que no ISCAP temos a possibilidade de oferecer aos nossos estudantes, pois dispomos de instalações e equipamentos adequados. Assim, a tradução assistida por computador, o processamento da documentação empresarial, as tecnologias de informação e de comunicação, a gestão das organizações, a prática secretarial, as técnicas e as tecnologias de arquivo estão agora também a ser estudadas no nosso instituto. Estamos, sem dúvida, numa encruzilhada de disciplinas apoiada no presente por recursos técnicos melhorados.

No ISCAP há dois laboratórios convencionais de línguas com lugares para trinta alunos. Oferecem um sistema de diálogo personalizado entre o professor e o aluno no seu lugar ou a divisão dos estudantes em grupos na turma inteira. Pode-se praticar a interpretação simultânea e consecutiva ao vivo ou gravar as interpretações dos estudantes e a voz do professor numa fita em quatro pistas. Há a possibilidade também de usar o sistema de alta-voz que permite as auto e hetero-avaliações pedagógicas durante as aulas de interpretação de conferências que todos podem escutar pormenorizadamente e, ao mesmo tempo, ouvir o comentário dos companheiros ou do professor.

Para além dos dois laboratórios tradicionais de línguas, o ISCAP dispõe de dois centros multimédia são equipados com a tecnologia mais recente que existe até ao momento. Os nossos centros multimédia de línguas são um caso único em Portugal e são ainda, actualmente, os melhores na Península Ibérica.

Os centros têm capacidade para cerca de quarenta alunos no seu conjunto, que podem aprender e trabalhar em simultâneo, individualmente ou em grupo e é tecnicamente possível criar sessões diferentes de trabalho para cada grupo ou indivíduo num número variado de sessões em paralelo na mesma aula do

mesmo professor. Têm todas as capacidades de qualquer sistema *Windows* e também muitas outras possibilidades que enumerarei agora: pode haver o desenvolvimento de actividades tais como a interpretação consecutiva e simultânea em todas as línguas de trabalho que os professores e os futuros intérpretes dominem, o uso de uma câmara de vídeo, o treino para legendagem de vídeos analógicos e digitais, a aquisição da língua numa modalidade de auto-estudo ou através de um conjunto de sessenta lições pré-elaboradas em inglês, em francês e em alemão.

Existem as possibilidades de ligação à Internet e de usar ferramentas e *softwares* para a tradução automática e assistida por computador – o *SYSTRAN* e o *TRADOS* (este último utilizado actualmente ao mais alto nível da tradução na União Europeia). Estes programas estão a tornar-se cada vez mais importantes como uma exigência extra em anúncios de emprego quando os nossos alunos se candidatam a um posto como tradutores e/ou intérpretes.

O *hardware* que compõe os centros multimédia de línguas no ISCAP, assim como os outros periféricos tornam possíveis as funções múltiplas da interpretação de conferência, bem como programas de línguas. Também o sistema de apoio de aplicações permite um conjunto de imensas possibilidades. É a combinação de todos os elementos que é original em Portugal, ao nível da instrução, e que constitui uma inovação importante no ensino adaptado às exigências actuais para preparar os intérpretes para a sua vida profissional.

Assim, a minha proposta para o treino de intérpretes de conferências está relacionada com um desenvolvimento semi-generalista e, no entanto, com uma especialização dentro de determinadas áreas. Se queremos treinar intérpretes de conferências para o século XXI, após o alargamento da União Europeia a vinte e cinco países em vez de apenas quinze, temos de enfrentar muitos desafios em que a multidisciplinaridade está envolvida. Acredito, sem dúvida, que se queremos treinar os nossos alunos para o mercado de trabalho, devemos preocupar-nos em dar-lhes um conhecimento básico de tudo o que pudermos para alargar os horizontes, bem como dar-lhes a informação específica em determinadas áreas para promover o conhecimento profundo de alguns tipos de disciplinas. Aprender a aprender é obviamente fundamental tal como o princípio básico do ensino-aprendizagem-formação.

O alargamento da União Europeia a vinte e cinco países, tornando-se um grupo mais abrangente e menos exclusivista, tem sido focado nas conversas

diárias como tendo duas possíveis consequências aparentemente contraditórias: por um lado, é possível que cada vez mais tradutores e intérpretes comecem a ter ainda mais trabalho e cargos ao mais alto nível na União Europeia, porque os países que agora entram trarão a necessidade de usar mais línguas de trabalho. Entretanto, isto requererá custos extra, porque os serviços de bons tradutores e de bons intérpretes para tal grande número de línguas de trabalho custarão muitos euros aos contribuintes europeus. Por outro lado, e esta é a meu ver uma perspectiva muito negativa para os nossos tradutores e intérpretes futuros, é bastante provável que as línguas de trabalho ao nível europeu mais elevado comecem a ser reduzidas ao número de três, ou seja, ao Alemão, ao Francês e ao Inglês, relegando as outras para um lugar com menor destaque. Esta é uma situação pouco provável. Senão, veja-se o caso do Maltês – há apenas trezentos mil falantes nativos desta língua – e, apesar do número ser pequeno, os Malteses não abdicaram de ver a sua língua considerada como uma língua de trabalho na União Europeia.

É trágico, para não dizer nacionalmente inaceitável, que o Português (quinta língua falada no mundo como língua materna), o Grego, o Finlandês e outras línguas entre as quais mesmo o Espanhol (quarta língua mais falada no mundo por falantes nativos) sejam classificadas como tendo uma menor importância. Alguns oponentes à minha condenação desta consequência possível poderiam defender que é um resultado natural da globalização; contudo, eu defendo que essa globalização, com a noção de *aldeia global* deverá aumentar contactos internacionais ao mais alto nível das conversações e das negociações e das relações empresariais e diplomáticas, bem como as conferências, os congressos internacionais, simpósios e seminários entre outros... Mas é exactamente neste *milieu* que os nossos alunos terão que procurar um trabalho em regime de *freelance*, provavelmente – e esta parece ser uma boa perspectiva de futuro, pois vai haver cada vez mais trabalho. Pelo menos, assim o desejamos enquanto instrutores de futuros intérpretes de conferência. Como Alan Duff disse: “Translators will always be needed. Without them, there would be no summit talks, no perestroikas, no Cannes Film Festival, no Nobel Prizes, no advances in medicine, science or engineering, no international laws, no Olympic Games, no *Hamlet*, no *War and Peace*...” (DUFF, 1997: 8)

Tenho vindo a abordar os *ingredientes* para que a nossa receita prepare intérpretes bons. A *matéria-prima* com a qual tenho de trabalhar diariamente tem um carácter multidisciplinar, o que é claramente uma vantagem numa era de encruzilhadas de disciplinas em que se pretende uma *apetitosa* sopa de letras e de números. Também falei sobre os recursos técnicos de que dispomos no nosso Instituto quando me estava a referir ao dar aos estudantes as melhores condições possíveis de treino e de formação.

Concentremo-nos agora em aspectos específicos da metodologia. Creio que devem ser usados para treinar bons intérpretes de conferência. No início desta reflexão foi dito: “corte intensamente para eliminar as suas inseguranças e tempere o seu espírito de modo a que tenham uma paixão pelo teatro e se tornem uns bons *actores*”. A profissão de intérprete tem muitas exigências a nível emocional. Em termos de personalidade, há certamente vantagens se se for equilibrado e se tiver *os pés bem assentes na terra*, bem como a cabeça e o coração com asas para voar e sonhar. Estas são duas características que considero fundamentais para se ser um bom intérprete e por muito tempo: estabilidade na sua maneira filosófica de ver a vida e uma capacidade imensa de se ser criativo. Obviamente que um conhecimento perfeito das línguas com as quais se trabalha é uma qualidade pressuposta que não se necessita referir... Mas se os futuros intérpretes estiverem em boa forma emocional e se conseguirem lidar rapidamente com situações novas, de algum modo potencialmente perturbadoras, aquelas serão resolvidas facilmente se forem criativos. Por outro lado, é indubitavelmente perigoso se um intérprete tiver *um excesso de criatividade*, devido a nunca devermos interferir na mensagem dos oradores que estamos a interpretar para os nossos clientes que não falam a língua dos oradores.

Quando lidamos com a interpretação é fundamental ter uma postura de respeito para com o que está a ser dito pelo orador. Os intérpretes devem ser criativos *na maneira como* apresentam a mensagem, mas não devem alterar *o que* está a ser dito pelos oradores – caso contrário, a sua função no processo de comunicação tornar-se-á falsa, e, portanto, uma fraude e um fracasso. Como J. C. Catford defendeu: “The replacement of textual material in one language (the Source Language) by equivalent textual material in another Target Language [is fundamental].” (CATFORD, 1965: 37)

Consequentemente, o perfil de um futuro intérprete pode e deve ser moldado. A insegurança ao microfone pode ser eliminada com os exercícios

vocais nos laboratórios de línguas. Os intérpretes são treinados individualmente para executar à frente da turma que age como um público. Treinam com alguém parecido com potenciais clientes que terão de enfrentar no futuro, quando estiverem no mercado de trabalho.

Alguns exercícios podem mesmo ser, de algum modo, violentos no início, porque alguns estudantes não têm vontade de representar no começo de seu treino. Faço os meus alunos gritarem o alfabeto em grupos de três para evitar sentirem-se ridículos ou então, têm de contar os números pares ou ímpares ou têm que dizer “sim!” ou “não!” em voz alta. Este tipo de exercício é usado basicamente para transformar os estudantes em bons intérpretes consecutivos. Para treinar o estilo de voz ao microfone durante os exercícios para a interpretação simultânea faço os meus alunos dizerem números, percentagens e frases sem nenhum sentido com uma voz doce, como se contassem uma história de embalar a uma criança ou se estivessem a sussurrar palavras de amor ao ouvido de um ente querido. Também sugiro que digam rimas infantis ou poesia de uma maneira fria, factual, em tom *stacatto*. Estes são alguns exercícios vocais propedêuticos que podemos usar nas aulas para treinar a voz e a postura dos intérpretes.

A minha metodologia durante as aulas dá uma ênfase exaustiva, quase redundante, à necessidade de exactidão, respeito pelo discurso original que o orador está a proferir. Naturalmente que há a existência de proximidade entre o orador original e o produto final pelo qual o cliente do intérprete está a pagar, embora se deva saber *dar a volta a um texto* ao interpretar na devida proporção guiada pelo bom-senso. O discurso na língua de chegada deve ser um produto igualmente interessante ao do orador, não um sub-produto. Para conseguir a excelência, ensinamos sempre os estudantes a usar o que nós chamamos em francês uma *décalage* adequada. Isto significa esperar, esperar e esperar ao microfone. Durante a interpretação simultânea que ocorre enquanto o intérprete vai ouvindo e falando ao mesmo tempo, tem que se deixar o orador falar e somente um segundo ou um segundo e meio depois é que se começa a interpretar. O segundo e meio é então a *décalage* que se está a usar na sua acção de interpretação. Aparentemente, a diferença básica entre a tradução e a interpretação é que a primeira é escrita e a segunda é falada. Mas há muito mais a dizer sobre isto – aliás, toda a tradução tem interpretação e toda a interpretação está sujeita a regras de tradução. Como a frase sempre citada de

Newmark diz: “Translation is a craft consisting in the attempt to replace a written message in one language by the same message in another language” (NEWMARK, 1988: 125).

Mas a interpretação é muito mais do que apenas tradução oral... Creio haver uma importante componente de subjectividade na selecção vocabular quando estamos a interpretar e tudo ocorre à velocidade da luz no cérebro do intérprete – esperamos nós! Quanto a mim, estou convencida que a exactidão é algo de maravilhoso pois sou Nabokoviana no aspecto da necessidade de respeitar o original – também nas interpretações de conferência, que por alguns é considerada uma variante da tradução.

Mas discorria acerca da metodologia do treino de intérpretes numa encruzilhada de disciplinas. É aconselhável treinar as qualidades de oratória e as características retóricas dos estudantes. Os meus alunos são treinados não somente como intérpretes, mas também como oradores. Um exercício frequente é “improvisar” nas duas línguas de trabalho: coloquei *improvisado* entre aspas porque não há nenhum discurso que seja total e realmente improvisado. Os estudantes recebem um determinado tema polémico ou uma frase estimulante ou, pelo menos, interessante e têm de falar entre três e dez minutos sobre o assunto dado em inglês e em português. Além de oradores, tornam-se em intérpretes mais conscienciosos e essa é, naturalmente, a finalidade do exercício.

Os estudantes são convidados também a preparar em casa um discurso para proferir na aula; a estes chamamos “discursos inusitados” com as perspectivas mais terríveis de que os alunos se possam lembrar. Este exercício tem a finalidade de os treinar para se tornarem bons profissionais e conseguirem interpretar discursos com os quais não concordam nada. O que acontece na vida real é que às vezes nós, intérpretes, temos de interpretar discursos com os quais não concordamos de maneira alguma ou temos de enfrentar e interpretar oradores que não apreciamos particularmente – contudo, temos que interpretar como se gostássemos da perspectiva e como se nós fôssemos os oradores que *detestamos*.

O exercício dos “discursos inusitados” na aula é um desafio para os estudantes que começam e que são premiados pela imaginação que usam nos seus discursos com uma perspectiva que nunca adoptariam enquanto oradores. O humor que usam nos seus discursos é apreciado também. Tenho visto

mesmo estudantes que defendem um ponto de vista em termos políticos completamente diferente do que pensam na realidade ou até estudantes, que são claramente apoiantes do *Futebol Clube do Porto* que defendem o *Benfica* ou o *Sporting* como os melhores clubes de futebol no mundo... (será que se pode imaginar tal coisa?!).

Esta é parte do treino do conteúdo e estilo do trabalho dos futuros intérpretes. Santo Agostinho e os princípios de retórica e oratória inspiraram-nos também a convidar oradores para as nossas aulas. Estes são geralmente antigos estudantes que concordam prontamente em vir falar aos seus colegas mais novos que estão ainda em formação. Esta metodologia tem vantagens para todos: para os oradores convidados, é agradável voltar aos laboratórios após possuírem o grau de Licenciatura. Para além disso, falar em frente de um público reforça o seu ego e aumenta a sua auto-confiança. Os estudantes ficam satisfeitos também porque são treinados com uma variedade de vozes, de estilos de oradores e de tipos de discursos; além de que olham estes oradores como modelos de desempenho, porque eles já passaram por aquilo que os próprios estão a passar e vêem que é possível realmente chegar ao fim do grau de Licenciados com um sorriso na face. Finalmente, para o professor, também é agradável dar a oportunidade a antigos alunos de terem um certificado enquanto oradores convidados, revendo-os depois do curso terminado, e o professor fica mais liberto para pedagogicamente orientar a sala de aula sem necessitar de fazer tudo: falar, escutar os alunos e controlar a panóplia dos dispositivos que temos nos nossos laboratórios. De facto, os professores de interpretação têm de ser versáteis ou, continuando com a metáfora do cozinhado, têm de ser *pau-para-toda-a-colher*, dominar muitos saberes e saber-fazer.

O que nos leva agora a ter de reflectir sobre que tipo de *cozinhadores* deveremos ter para fazer um *cozinhado* ideal. A Utopia nunca será uma realidade, mas todos podemos dar o nosso melhor para chegar mais perto da perfeição. Este é um dos meus lemas na vida profissional enquanto professora e tento sempre imbuir nos nossos estudantes esta premissa. Esta é a razão pela qual deve ser-se exigente demais connosco próprios e com os nossos futuros intérpretes e mesmo assim, nunca é suficiente.

Pessoalmente, tive o meu treino como intérprete na É.TI. Como é do conhecimento geral, é uma escola muito prestigiada enquanto formadora na

tradução e na interpretação na Suíça, em Genebra. Aí tive um período intensivo de cinco meses enquanto pós-graduada da Universidade do Porto sob os auspícios e patrocínio do Parlamento Europeu. Mais tarde, trabalhei como intérprete de conferências em regime de agente temporário na cabina portuguesa em 1989 em Bruxelas, no Luxemburgo e em Estrasburgo. Tento dar aos meus alunos o melhor treino possível porque o meu treino também foi bom e há que *passar o testemunho*, para haver progresso no saber. Sei que por vezes era um treino algo difícil porque era intensivo demais, mas não lamento nem um minuto. Além de motivadoras, as dificuldades serviram de estímulo para serem suplantadas e é isso que tento transmitir aos nossos futuros intérpretes no seu trajecto para se transformarem em bons profissionais.

Desta forma, ensino a interpretação consecutiva, com a interrupção do orador de modo a que o intérprete tenha possibilidade de reconstruir, segmento a segmento, o discurso numa língua diferente e exercito a tradução à vista em ambas as línguas de trabalho enquanto preparação e aquecimento no início das aulas. As interpretações simultâneas são talvez as que necessitam de mais tempo no treino dos futuros intérpretes. Exercito também a interpretação sussurrada, mas a sua necessidade é menor do que por vezes poderíamos pensar, pelo menos no que toca ao mercado português de trabalho de interpretação de conferências. Esta é uma situação real devido ao número de portugueses que ainda não falam o inglês especializado, como, por exemplo, seguir um discurso na língua original durante uma reunião internacional. Assim, a interpretação sussurrada, a *chuchôtage*, como a gíria diz, é usada quando nós temos muitos grupos de poucos delegados numa conferência internacional. O intérprete trabalha directamente com os clientes, fisicamente muito perto deles, e quando a variedade das línguas é demasiada para se terem muitas cabinas de interpretação na sala, sendo cada uma para dois ou mais intérpretes. Portanto, o que a organização da conferência normalmente faz é contratar um intérprete para os seis ou sete delegados e ela ou ele falam em voz baixa junto dos mesmos.

Também menciono a interpretação de tribunal nas aulas, pois é um mercado de trabalho crescente em Portugal, já que temos cada vez mais estrangeiros residentes. De nenhuma forma quero insinuar que grupos étnicos com línguas diferentes do Português enquanto língua materna vão mais a tribunal; o que enfatizo nas minhas aulas é que os alunos devem investir no

estudo de uma língua *minoritária* que será uma mais-valia quando procurarem contratos de trabalho em Portugal e no campo internacional, nomeadamente as línguas dos países que agora estão a entrar na União Europeia.

Há ainda dois outros últimos tipos de interpretação que vale a pena mencionar aqui e que são treinados nas minhas aulas. É a interpretação para uma só pessoa, tal como um/a gerente ou um/a empresário/a, um/a congressista, um/a político/a, um/a diplomata, ou outros/as. Ensino ética neste capítulo, relações interpessoais no trabalho, psicologia, sociologia, bem como o tema específico que pode tratar a conferência e que pode ir da física nuclear, à astronomia, à biomecânica, à economia, à medicina, à informática, ou outros temas. O que é isto se não a prova viva que nós estamos numa encruzilhada de disciplinas e mergulhados numa sopa de letras (e números)?

O outro tipo de interpretação que também treinamos prende-se com a interpretação comunitária e pode variar desde o acompanhamento de uma mulher que não fale português a uma consulta pré-natal num hospital ou a uma reunião de pais numa escola em que os filhos estão inscritos.

No começo propôs-se: “deixe-os descansar para crescer”. Tal como o pão lêvedo que está a ser moldado, também as pessoas necessitam realmente de descansar para poderem crescer, para permanecerem acordadas, conscientes quanto ao espírito humorístico de alguns oradores, que poderão ter de interpretar durante as conferências. Assim, será aconselhável adicionar uma pitada de humor às aulas e *aquecer* os alunos com estímulos. Por vezes conto-lhes anedotas para que relaxem, porque acredito no poder benéfico do riso. É agradável durante os discursos e há estudantes que reagem particularmente bem a esta pedagogia.

Os semestres sucedem-se com uma rapidez vertiginosa e em breve será tempo de enviar novamente os estudantes para o mercado de trabalho. Oxalá, estes se tornem profissionais competentes, bem como pessoas felizes. Tenho esperança que o meu trabalho nos próximos semestres continue a ser igualmente saboroso.

E com esta nota de esperança, assim se conclui, citando um breve poema de uma das minhas escritoras americanas favoritas do século XIX, Emily Dickinson, e que está directamente ligado à palavra dita, isto é, à interpretação:

A word is dead
When it is said
– Some say.

I say it starts
To live that day.

Solu o do passatempo da sopa de letras proposto no início deste artigo:

T	R	A	D	U	Ç	Ã	O	U	M	M	H	O
Z	M	P	A	R	B	L	E	A	E	U	O	L
P	U	I	O	Y	C	S	O	I	L	L	R	A
T	U	M	O	Z	T	W	P	C	O	T	T	T
V	U	N	S	Í	I	E	B	N	S	I	A	É
H	Q	U	M	N	D	Q	E	Ê	O	D	H	C
I	R	U	K	T	Y	U	I	L	F	I	P	N
K	L	M	B	É	L	E	C	E	A	S	I	I
O	L	M	Z	R	Q	A	L	C	T	C	N	C
U	T	R	Y	P	Z	I	S	X	I	I	A	A
X	W	M	Q	R	Z	V	O	E	L	P	Y	T
O	R	T	A	E	T	O	S	A	A	L	A	A
O	P	V	S	T	X	I	S	T	E	I	P	C
T	E	C	W	E	K	N	O	W	S	N	A	T
A	S	U	S	S	U	R	R	A	D	A	P	O

BIBLIOGRAFIA CITADA

CATFORD, J. C.. *A Linguistic Theory of Translation: An Essay in Applied Linguistics*. London: OUP, 1965.

DUFF, Alan. cit in Gonçalves, Maria Emília and Torres, Angelina, *Técnicas de Tradu o de Inglês, Bloco 1*, Porto: Areal Editores, 1997.

NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*, Hertfordshire: Phoenix ELT, 1988.